

27-01-2023

## CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA

## Chiwan Medeiros Leite

[Bacharel em Comunicação Social]

A onda pandêmica de modificação linguística que, ao que tudo indica, cresceu na pandemia do Covid-19, não para de crescer. Todos, todas e todes viraram sujeitos, sujeitas, sujeitos crentes, crentos e crentas de que esse dialeto, dialeto, dialeto é capaz de ser inclusivo, inclusiva, inclusive. Inclusive, inclusivo, inclusiva, diz-se que é pauta, pauto, paute identitário, identitária, identitária. Como membro, membra, membro de grupo, grupa, grupe crítico, crítica, crítica a isso, issa, isse desfilo cá o/a/e argumento, argumenta, argumente contrário, contrária, contrária. ....

.... Brincadeira à parte, a comunicação social tem na oralidade o seu mais poderoso veículo. A fala coloquial, leia-se, mais informal, distensionada, relaxada, ao contrário da fala hermética, erudita, empolada, não costuma comportar exigências de obediências a discursos politicamente corretos aplicados à linguagem. Isso não quer dizer que a fala coloquial é permissiva a palavras discriminatórias, quaisquer que sejam. Daí ser importante ressaltar que a fala coloquial também não comporta linguagens insultuosas, sejam misóginas, racistas, homofóbicas, xenófobas, etaristas, capacitistas ou aporófobas, entre outras. Como ‘comunicador social’ também observo, ao transcrever conversas gravadas, o quanto uma palestra, uma conferência e, principalmente, uma reunião com vários palestrantes é difícil transformar a gravação num texto de leitura sintético, compreensível e gramaticalmente correto. Pesquisadores acadêmicos que utilizam entrevistas e falas gravadas conhecem bem a dificuldade de transcrevê-las e, muitas vezes, traduzi-las. Uma fala coloquial gravada é ainda mais difícil de ser transcrita. Os meneios oratórios, peculiares a cada pessoa, inclusive os vícios interrogativos como ‘né, ‘tá, ‘viu, ‘tá entendendo, ‘percebe, ‘morou, ‘captou, ‘hein e tantos mais são obstáculos adicionais às gravações. Adicione-se a essa tarefa as interrupções das falas pelos floreios regionais que no Brasil continental são inúmeros e graciosos. Além dos sotaques típicos de cada região do Brasil, as interjeições ornamentais das falas conferem uma graciosidade e identidade afável ao ouvido e convidativa ao papo informal e descontraído. ‘Tchê, ‘Ixe, ‘Bah, ‘Mano, ‘Meu, ‘Cara, ‘Uai, ‘Sô, ‘Brodi, ‘Nô, ‘Afe, ‘Vixe. ‘Eita, ‘Aff, ‘Ó Véi, ‘Guri, ‘Lek, ‘Tá Ligado... são expressões identitárias regionais, algumas seculares, outras mais recentes, algumas comuns à população da região, outras vinculadas a grupos populacionais específicos. Chamados por alguns de maneirismos não se constituem propriamente em gírias. São graciosos, mas não devem se tornar hegemônicos na escrita em que é “exigida” uma certa formalidade e uma clareza de exposição, caso de textos jornalísticos, redações para concursos, documentos oficiais e mesmo os literários, embora neste caso as exceções possam ocorrer, em virtude de escritas estilísticas. As lutas identitárias com seu idioma “neutro” e cancelador de centenas de palavras e expressões, em razão de uma exigência do “politicamente correto”, não deveriam se transformar em patrulhamento linguístico. Claro está que a evolução do idioma é bem-vinda como necessidade de uma expressão coloquial respeitosa e, principalmente, cuidadosa com direitos humanos negligenciados. ....

Todavia, o maior problema da discriminação - racismo, machismo, homofobia, idadeísmo, capacitismo, xenofobia, aporofobia etc. - está na palavra não dita - o silêncio -. A palavra ofensiva pode não ser dita, mas o comportamento cúmplice, complacente, leniente, com a ofensa está lá visível no comportamento das pessoas nas pequeninas coisas do cotidiano e do convívio social. Recentemente, o país foi tomado por uma onda fascista jamais vista que nos deixou perplexos com o uso de palavras que NÃO estão no rol de palavras canceladas pelo politicamente correto - Deus, pátria, família, liberdade, vermelho, bandeira, justiça, forças armadas, boiada, mito, arma, caçador, povo, bíblia, quartel, vacina, cloroquina, ema, general, garimpo, agronegócio, camisa, acampamento, máscara, barraca, caminhoneiro etc. -. Esse glossário de palavras aparentemente inofensivas orbitou a horda fascista que quase explodiu de vez o Brasil. Faltou pouco mas a horda antes silenciosa vai ficar por aí falando esse idioma deturpado que coloca em risco a democracia e os direitos humanos. Esse sim, é um idioma que desrespeita os direitos humanos... *Deus, pátria, família, liberdade etc.* Por isso aqueles que defendem os direitos humanos e lutam por eles, mais do que o exercício de um patrulhamento semântico sobre nosso patrimônio artístico e cultural - teatro, literatura, música, etc., - que vem sendo cancelado de forma incompreensível, talvez precisem de uma nova linguística da manutenção de registros históricos, marcadores de épocas.

É pecaminoso com a história e a nossa cultura que livros históricos e músicas históricas e seus autores e compositores sejam penalizados e cancelados por defensores de seus próprios direitos que se insurgem contra semânticas que lhes desagradam. Aqui em Recife, nosso grupo de amigos das rodas de frevo, chorinho e samba tem uma frase que se repete às dezenas: *IH! Essa música não dá pra cantar – está proibida*, talvez porque fale da cabeleira do Zezé, de uma nega maluca quando eu estava jogando sinuca ou com açúcar com afeto fiz seu prato predileto. ... Sinceramente, mais do que lutarmos pelos todos, todas, todes etc. vamos atentar para as palavras permitidas, mesmo que mal, muito mal empregadas... essas aí que eu falei, entre outras: *Deus, pátria, família, liberdade*. [Mark Lilla](#), não à toa um cientista político americano polêmico, considera que a esquerda americana deixou-se levar por um “ativismo progressista intolante”, deixando de buscar as especificidades avulsas das minorias num contexto de transformação social como um todo, como repaginação da conquista da cidadania para todos e não só para cada movimento, para cada pauta, para cada resposta específica. Mark Lilla considera o risco de que a luta por direitos humanos do século 21 possa retroceder aos postulados do século 19 em relação à luta pela cidadania.

**Embora creia que ele não endossasse, eu acrescentaria que a luta de classe fica alijada desse processo. Por isso, compartilho com alguns textos, inclusive aqui da Coluna Opinião, que deve haver uma “fuga” da opressão da sociedade de classe para uma outra organizada coletivamente e com um alvo certo: a luta por uma sociedade em que todos, independentemente de suas especificidades singulares, diluam suas especificidades num caldeirão de alimentos que sacie a fome de todos os desejos por um mundo mais justo.**

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*